

IDENTIDADES PROVISÓRIAS: A NARRATIVA PÓS-MODERNA DE BERNARDO CARVALHO

PROVISIONAL IDENTITIES: THE POSTMODERN NARRATIVE OF BERNARDO CARVALHO

Márcia Moreira Pereira *

Maurício Silva **

Resumo

Este artigo busca analisar a questão da identidade pós-moderna, tal como fora definida por Stuart Hall, a partir da leitura da produção ficcional de Bernardo Carvalho. O presente artigo formula o conceito de identidades provisórias, a fim de caracterizar as personagens presentes em seus romances.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho; Identidade; Personagem; Literatura Brasileira Contemporânea.

Abstract

This paper analyzes the postmodern identity, as set out by Stuart Hall, in the fictional production of Bernardo Carvalho. This paper formulates the concept of provisional identities in order to define the characters present in his novels.

Keywords: Bernardo Carvalho; Identity; Character; Contemporary Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

Não resta dúvida de que a pós-modernidade é a era das identidades instáveis, assertiva possível de ser confirmada pelo estudo de Stuart Hall (2003). Essa afirmação, aliás, não é válida somente para os estudos sociológicos, mas também para a literatura, tanto no que compete à temática presente nos textos atuais quanto no perfil de suas

* Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

** Professor doutor da Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

personagens ou ainda em outros elementos estruturais da prosa de ficção contemporânea.

Bernardo Carvalho, um dos autores mais instigantes da atual literatura brasileira, exprime bem, em sua prosa, esse "fenômeno" da sociedade contemporânea; indivíduos perdidos em um mundo muitas vezes refratário e hostil, sem rumo e sem identidade, às vezes totalmente influenciados pelo meio em que vivem e, ao mesmo tempo, desintegrados desse universo. Em poucas palavras, indivíduos deslocados. Carvalho, com sua literatura muitas vezes amarga e provocadora, vem ganhando aprovação da crítica e consagração do público, provando sua genialidade e perspicácia. Escritor e jornalista, mas também atuando como tradutor, teve seu livro *Mongólia* (2003) entre os vencedores do prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte e do Prêmio Jabuti de 2004, ambos na categoria romance. Antes, recebeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, com o romance *Nove Noites* (2002).

O autor, contudo, publicou sua primeira obra em 1993 (*Aberração*), e nos anos que se seguiram publicou *Onze* (1995), *Os bêbados e os sonâmbulos* (1996), *Teatro* (1998), *As iniciais* (1999), *Medo de Sade* (2000), *Noves Noites* (2002), *Mongólia* (2003), *O mundo fora dos eixos* (2005), *O Sol se põe em São Paulo* (2007), *O Filho da mãe* (2009) e *Reprodução* (2013).

Apesar de sua prosa multifacetada e nada convencional, em um aspecto não é possível haver discordância: as personagens de Bernardo Carvalho vivem uma desestabilização identitária, seja na premiada novela *Nove Noites* – em que o narrador busca respostas para um suicídio – seja em seu último romance, *Reprodução*, em que monólogos introspectivos de um chinês denunciam sua revolta e sua insatisfação com o mundo. A tensão constante entre leitor e narrador é também algo singular em sua obra, resultado da impressão de que suas personagens vivem aprisionadas em uma “camisa de força”, em busca de uma liberdade sempre tardia e muitas vezes inacessível.

Ao entrar em contato com o universo dessas personagens percebemos o quanto o autor investe na desorganização de seus mundos, resultando em estratégias discursivas como a complexidade de vozes e/ou a multiplicidade de ações, o que, não raras vezes, fortalece o que o próprio Bernardo Carvalho chama de “literatura paranoica”: com efeito, as temáticas escolhidas, o modo como os enredos são construídos, sua própria

escritura literária sugerem uma continuada e obsessiva ruptura que, em mais de um sentido, podemos classificar como pós-moderna (HUTCHEON, 1991).

Nas obras de Bernardo Carvalho, notamos indivíduos agindo, mesmo que contrariados, em "consonância" com tudo aquilo que uma sociedade complexa e sua dinâmica impõem. Esse mosaico identitário tem fortes nuances decorrentes das identidades fragmentadas atuais, instaurando a chamada *crise de identidade*, considerada, segundo Stuart Hall, "parte de um processo mais amplo da mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (HALL, 2003, p. 07).

Em uma obra contemporânea, como naquelas a que nos referimos neste artigo, as personagens, movidos por pré-conceitos, deixam suas verdadeiras escolhas e costumes para se misturarem àquilo que a sociedade pede e acredita, impulsionados pela onda pós-moderna. Nesse sentido, ratificamos o que teorizou Marc Augé, ao afirmar que "o mundo da supermodernidade não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar o espaço" (AUGÉ, 1994, p. 37). Assim, as personagens e até o espaço nas obras de Carvalho parecem caminhar ao encontro do nada: cada passo, cada decisão, cada lugar se multiplica; não há um lugar único, um espaço único, já que a própria narrativa parece levar o leitor para esse universo do não-lugar, que, por definir todos os espaços como lugares possíveis (AUGÉ, 1994), leva, entropicamente, à anulação do próprio lugar e à instauração do seu avesso.

As personagens de Bernardo Carvalho não buscam exatamente sua "pátria"; na verdade, suas inquietações transcendem esse conceito, levando-os, aparentemente, a nem mesmo saber o que significa ter uma "pátria". Assemelhando-se, muitas vezes, a uma literatura do absurdo, a narrativa de Bernardo Carvalho instaura um jogo contínuo entre o narrador e o leitor, acabando por se tornar um tipo de espiral, onde verdade e mentira misturam-se indistintamente e confundindo – deliberadamente – as próprias noções de realidade e ficção. Indubitavelmente, há uma espécie de vazio nas verdades que as personagens buscam, resultando em uma busca e uma angústia que se transferem para as próprias relações sociais que elas estabelecem com seu entorno. Temos a impressão de que o homem contemporâneo, representado nas personagens de Carvalho,

vive uma euforia plena, mas que o desencontro entre sentimentos múltiplos gera a angústia. O fato de algumas de suas obras serem narradas em primeira pessoa apenas fortalece essa impressão, fazendo crescer exponencialmente sua condição de deslocado diante do mundo, a que nos referimos anteriormente.

Tanto em *Nove Noites* como em *O sol se põe em São Paulo*, as personagens estão “sempre em trânsito”, seus espaços são moventes, há uma busca incessante para definir e delinear qual é o seu território. Em *Nove Noites*, por exemplo, Buell Quain sai à procura de um novo lugar, uma nova ordem, um novo país e acaba indo ao encontro de sua própria morte; em *O sol se põe em São Paulo*, o narrador busca sua identidade de escritor, envolvendo-se em histórias alheias, que o levam a se envolver na escrita de uma história que outra pessoa tem urgência em contar.

IDENTIDADE(S) E PÓS-MODERNIDADE

Quando Bernardo Carvalho leu um artigo de jornal sobre um antropólogo que esteve no Brasil na década de 30 e que morreram misteriosamente, logo se interessou em investigar sua história. A partir de uma pesquisa quase sem sucesso sobre o tema, publica, em 2006, seu romance *Nove Noites*, obra que retrata justamente a saga do jovem antropólogo Buell Quain no Brasil. Entramos assim, como o próprio livro ressalta, “em uma terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui” (CARVALHO, 2006, p. 06).

Há, no romance, uma linha tênue entre realidade e ficção. O percurso do narrador para saber mais sobre a vida de Quain e os fatos reais parecem fazer da obra uma investigação jornalística, mas Carvalho mistura o mundo real e o ficcional de modo singularmente sagaz: entre os fatos ocorridos na vida de Quain e na do narrador, há cartas ficcionais, assinadas por um suposto amigo do antropólogo, cuja leitura nos leva a acreditar na ideia de que alguém testemunhou o calvário de Quain, até então sozinho, convivendo em um lugar desconhecido e com pessoas desconhecidas. Portanto, a questão entre realidade e ficção, como já mencionado, aparece de modo inquietante no romance, e embora o escritor procure fugir do risco de escrever uma biografia ou um fato jornalístico, o romance acaba resvalando – perigosamente, mas também, do ponto de vista ficcional, estrategicamente – em ambos:

a riqueza de detalhes torna possível construir, em paralelo, um simulacro de biografia, apenas extraindo e recompondo dados do texto original em outro, à parte. Ao lado deste recorte da história da vida de Buell Quain, o narrador insere flashes de sua própria vida, especialmente sobre a infância passada na região indígena do interior brasileiro. Mais uma vez voltado para a estratégia de autenticação da verdade biográfica, a orelha do livro traz uma fotografia daquela época, na qual um menino aparece acompanhado de um índio da região. Será a criança da foto realmente Bernardo Carvalho? (MATIAS, 2013, p. 152).

Simulacro, mistura de realidade e ficção, dúvidas quanto à autenticidade dos acontecimentos narrados... enfim, há uma gama infindável de elementos textuais que, no conjunto, apontam para um questionamento que tem em seu centro a própria noção de identidade, tal como vimos discutindo até aqui.

O enredo não linear e essa mescla entre fato e ficção não são os únicos fatores que movimentam o romance e colocam em suspensão sua marca identitária: há, ainda, a diversidade da estrutura narrativa, de seu lastro discursivo e, por fim, de sua mancha gráfica, já que o autor optou, por exemplo, por deixar em itálico as *supostas* cartas do *suposto* amigo do *suposto* antropólogo. Essa narrativa construída por suposições que se sobrepõem, qual um jogo de espelhos que remetem a imagem ao infinito, começa com uma frase não menos enigmática – “isso é pra quando você vier...” (CARVALHO, 2006, p. 06) –, revelando uma "esperança" que, possivelmente, tenha levado o narrador (ou o autor?) à tentativa de descoberta de alguma pista sobre o antropólogo, resultando em uma busca obsessiva.

Um leitor mais imaturo talvez tenha de se esforçar para "compreender" a trama, já que, entre outras coisas, parece não ser possível exigir um final, um desfecho ou acompanhar a história de modo linear, em razão da manipulação, pelo romancista, de personagens, situações, tempos e espaços diversos, mesclando tanto fatos reais quanto ficcionais. O leitor mais "desavisado" acaba entrando, assim, em um labirinto sem saída, com muitas pistas falsas. A busca do narrador para descobrir o real motivo da morte de Quain, por exemplo, está presente não apenas quando confessa sua investigação, mas também na personagem ficcional que assina as cartas: “a verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates” (CARVALHO, 2006, p. 06). O que mais chama atenção na estrutura geral da obra é, justamente, o fato de, o tempo todo, verdade e

mentira entrarem em choque, ao mesmo tempo em que se complementam. De modo geral, reiteramos, a indistinção entre fato e ficção faz parte do suspense do romance.

Não se pode deixar de destacar a imprecisão identitária de Quain: o antropólogo parece, quase sempre, buscar a si mesmo, em uma procura obsessiva que o leva a uma peregrinação pelo mundo, conforme relata o romance. A partir dos relatos do comportamento de Quain, percebemos tratar-se de um sujeito inquieto, marca do homem contemporâneo, pós-moderno. A ida do antropólogo de uma cidade grande para uma civilização primitiva, em plena década de 30, pode ter contribuído – conforme sugere o narrador em alguns momentos – para sua inquietação, para uma condição de trânsito contínuo de um lugar para outro, resultando em um desencontro-de-si-mesmo que o teria levado ao extermínio de sua própria vida. Esse mosaico de tempos e espaços implica uma reconfiguração de sua própria identidade e aponta para uma busca incessante de uma identidade própria, fixando, no universo cultural da pós-modernidade (HALL, 2003), uma verdade provisória.

Desse modo, podemos dizer que a figura de Buell Quain metaforiza um fato característico desses tempos pós-modernos: a perda da identidade em uma sociedade que, por si só, vive uma profunda transformação (o Brasil da década de 1930), tornando-se, aos poucos, uma sociedade "moderna", resultando, entre outras coisas, na perda de referências e na desestabilização do ser e levando, no limite, a uma “crise de identidade” (HALL, 2003). Segundo Matias (2013), em busca de sua própria identidade, Quain encontrou seu eu em sua própria morte:

o suicídio de Buell Quain se inscreve como esta “troca sacrificial” da não-vida por um retorno ao equilíbrio e a superação da angústia que o acoitava. Quando decide dar cabo da própria vida, o antropólogo reassume o poder sobre o seu corpo e mente, antes divididos pela angústia que o oprimia e recupera de novo o domínio do seu desejo e de sua vontade (MATIAS, 2013, p. 158).

De fato, no desfecho do romance, a dúvida acerca do suicídio de Quain reside, justamente, no entrecruzamento entre o antropólogo, homem da “cidade grande”, e os índios, “homens primitivos”, fato que marca, mais uma vez, o choque entre identidades pós-modernas. Aliás, encontramos esse embate também na convivência entre o narrador da obra e uma tribo indígena, com a qual se relaciona justamente para descobrir o mistério que envolveu a morte de Quain:

Quando se aproximavam, era ou para pedir alguma coisa ou porque estavam bêbados. Só as crianças riam de mim, e as mulheres. As crianças e as mulheres eram mais vivas. Diziam coisas entre si que eu não entendia e se divertiam. Me chamavam de branco: “Cupen, Cupen”. Faziam troça de mim. (CARVALHO, 2006, p. 87).

Processo semelhante ocorre em *O sol se põe em São Paulo*, obra que permeia um universo fragmentado, levando o narrador a circular em espaços urbanos em constante mudança e sem referências. O protagonista, desempregado, bisneto de japoneses, vive – como muitos personagens de nossa literatura atual – às margens da sociedade. Um forte sentimento de negação faz com que esse personagem viva tentando afirmar algo que *talvez* não seja: um escritor. É em um velho restaurante japonês no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, que o aspirante a escritor encontra sua cúmplice, Setsuko, envolvendo-se em uma estranha história que ela tem para contar e que gostaria que fosse escrita. O protagonista passa, então, a perambular entre as ruas de São Paulo, a cidade de Promissão, e Tóquio, vivendo em um constante deslocamento e busca, à procura de referências para escrever a misteriosa vida de Setsuko, que se passou em um Japão envolvido no contexto da II Guerra Mundial. Curioso e inquieto com o passado das personagens da história, o protagonista busca encontrar um desfecho sobre um triângulo amoroso vivido por Setsuko...

O desenraizamento do indivíduo é novamente colocado em pauta: assim como na obra *Nove Noites*, seu ir e vir constante não está presente apenas em razão de seu deslocamento espacial, mas também na esfera íntima de seu ser, levando-o, na busca obsessiva pela história de Setsuko, à procura de sua própria história.

Assim como em outros romances de Bernardo Carvalho, o protagonista de *O sol se põe em São Paulo* tenta encontrar um *território fixo* em meio a um universo permeado de perdas insanas, situado em uma grande metrópole cruzada/habitada por indivíduos anônimos e igualmente perdidos, movimentando-se em um espaço urbano opressor e não raras vezes marcado pela indiferença, pelo individualismo e pela violência.

É dentro deste espaço que, a partir de um estranhamento interior e de uma aparente negação de suas próprias origens, o protagonista busca respostas para si mesmo, deslocando-se agora para o contexto territorial e cultural de Setsuko. É que, ao

escrever a história daquela velha senhora, o personagem-escritor espera encontrar suas origens e, por fim, sua própria identidade. Segundo Stuart Hall, analisando a constituição da(s) identidade(s) na pós-modernidade, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas” (HALL, 2003, p. 12). Já no início do romance em tela é possível identificar um narrador sem identidade fixa, transitando por um espaço citadino fragmentado e autodefinindo-se um "perdedor" desempregado e abandonado, o que reafirma essa sua patente condição pós-moderna. Não há como negar, nesse sentido, a maestria de Bernardo Carvalho ao tratar da questão do indivíduo (des)territorializado e com identidade fragmentada, inserindo-o, oportunamente, em um habilidoso jogo narrativo, em que as histórias narradas, multiplicando-se *ad infinitum*, vão sendo emaranhadas por fatos presentes e passados, por personagens diversos, que vivem em tempos e espaços distintos, até convergirem para um mesmo espaço, que, por sua vez, se reproduz em outros espaços e tempos...

Narrativa especular, *O sol se põe em São Paulo* revela uma perda de identidade contínua, relacionada tanto ao contexto da guerra no Japão quanto ao contexto do pós-guerra no Brasil, tanto ao narrador-personagem quanto à misteriosa Setsuko, tanto ao romancista japonês Junichiro Tanizaki quanto a Michiyo, tanto a São Paulo quanto a Promissão, tanto a Jokichi quanto à boa Masukichi, em um pulular infindo de lugares, tempos e pessoas, levando à própria fragmentação identitária de que já se falou ao tratar das obras de Carvalho:

As personagens se reelaboram na missão e preenchem sua vida com as vidas outras a serem resgatadas e contadas para salvar do esquecimento o que buscam, mas nesse processo não se salvam a si mesmas. Mostram-nos que a fragmentação e a incompletude são chaves possíveis para compreendê-las e a nós mesmos quando confrontados com tamanhas angústias e com a facilidade de abandonar as identidades pré-enigmas por existências transitórias vividas no centro da incompreensão e insolubilidade dos mistérios (POSTAL, 2011, s. p.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lermos os romances de Bernardo Carvalho, impõe-se uma visão irônica da sociedade contemporânea, uma sociedade formada, entre outras coisas, por clichês e “imposturas”, por infernos coletivos e particulares, por opiniões – de modo igualmente irônico – politicamente “incorretas”, como se verifica, por exemplo, nas frases obsedantes do narrador de *Reprodução*: “aposentado é um estorvo pra sociedade” (CARVALHO, 2013, p. 21), “chinês não tem respeito pelo ser humano” (CARVALHO, 2013, p. 23), “não tem nada mais injusto do que gordo” (CARVALHO, 2013, p. 42), etc. O impressionável mantém-se, assim, presente o tempo todo, revelando, por meio de uma narrativa incondicionalmente metaficcional (SCHOLLHAMMER, 2009), o mundo do caos primitivo que se transmuta em caos urbano, mediado pela tecnologia, pela cibernética, pelo “progressismo” desenfreado, no qual, aliás, o subjetivo entra como contrabando, reafirmando as identidades em crise (PINTO, 2012). Trata-se, ainda, de uma obra, como já se disse uma vez, que aciona “um processo contínuo de apagamento das ideologias identitárias” (OLIVEIRA, 2012, p. 94).

Em boa parte de sua produção ficcional, com efeito, instauram-se, de modo deliberado, estratégias de sobreposição e de justaposições identitárias que se dão por meio de entrelaçamentos de tempos e espaços, de tramas e de dramas, de figuras que se intercalam e se interpõem, em um jogo prismático infinito, em uma espiral de culturas que ora se encontram, ora se perdem, imprimindo, assim, um sentido de interinidade e resultando, finalmente, na constituição do que podemos chamar de *identidades provisórias*.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

CARVALHO, Bernardo. **O sol se põe em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Bernardo. **Nove Noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. História, Teoria, Ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MATIAS, José Luiz. Viajando para a morte em *Nove Noites*: A saga de Buell Quain. In: **Revista Estação Literária**. Londrina, Ano 1, Vol. 10C, p. 150-161, fev. 2013.

OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Um lugar não mais: o romance brasileiro contemporâneo nos limites do império (o caso Bernardo de Carvalho). In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, N. 21, p. 71-108, 2012.

POSTAL, Ricardo. O mais longe ir: identidades transversas em Bernardo Carvalho. In: **Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0716-1.pdf>>. Acesso em: mar. 2014.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.